

Malan condena reindexação em NY e anuncia nova política econômica

Washington — Firme controle fiscal e reforma do setor público; redução do custo de produção de bens e serviços no Brasil, em parceria com o empresariado; mudanças no regime monetário; regime cambial mais adequado ao País; e resistência às pressões pela reindexação da economia até que se quebre de vez a espinha da inflação. Estes são os cinco objetivos da política econômica que o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso perseguirá, afirmou ontem, em Nova York, o presidente do Banco Central, Pedro Malan, que na semana passada aceitou o convite para comandar a equipe econômica do próximo governo. “Nenhum desses objetivos é mais importante do que o outro e eles serão buscados simultaneamente”, disse Malan.

Na esperança de evitar a primeira em Brasília e desestimular perguntas muito específicas da platéia de executivos de bancos e empresas, reunida no Hotel Grand Hyatt para um seminário, Malan começou dizendo que falava apenas como presidente do Banco Central e membro da equipe econômica do ministro da Fazenda, Ciro Gomes, e do presidente Itamar Franco. “Cabe ao presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, anunciar seu ministério”, disse ele. Mas foi calorosamente recebido e ouvido como ministro da Fazenda do próximo governo. A imagem que usou para descrever a estratégia de continuidade e aprofundamento da política de estabilização não deixou dúvidas em nome de quem ele falava.

O futuro ministro foi a principal atração do evento, no qual falaram também o ex-presidente do



Edson Gêa

Malan disse que FHC apostou certo no combate à inflação

Banco Central, Francisco Gros, hoje no banco de investimentos Morgan Stanley, em Nova York, e Armínio Fraga, ex-diretor da área externa do BC, que agora dirige os investimentos de George Soros na América Latina. Ambos trabalharam com Malan na equipe econômica do ex-ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, no governo Collor, a partir de maio de 1991, quando o atual presidente do BC assumiu o comando das negociações da dívida externa com os bancos privados. O acordo alcançado, cinco ministros da Fazenda

mais tarde e em meio a uma das maiores crises políticas que o País já atravessou, deram a Malan um capital de respeito e credibilidade nos meios financeiros internacionais que poucos brasileiros já desfrutaram.

Recebido com demorados aplausos, Malan reiterou as metas do programa de estabilização que Fernando Henrique Cardoso iniciou como ministro da Fazenda, em junho do ano passado. Aos “objetivos meritórios” apontados pelos cinco dedos da mão espalmada que serviu de símbolo da campanha pre-

sidencial de Cardoso, Malan acrescentou outros cinco específicos da área que comandará — “os cinco dedos da outra mão”.

Num recado aos críticos, que já bombardeiam a política monetária e prevêem o fracasso da política de estabilização, o futuro ministro deixou claro que o rumo está traçado. Ele fez questão de assinalar que o sucesso parcial alcançado pelo programa de estabilização lançado há 18 meses em meio a um enorme ceticismo se deve à determinação com que o Governo seguiu o rumo estabelecido e lembrou que tudo começou com “duas recusas e duas apostas”.

O Governo “recusou sugestões para que fizesse congelamento de preços e salários, confiscos, alongamentos mandatórios da dívida pública e quebras de contrato e adotasse uma política de empurrar com a barriga até o fim do governo Itamar Franco”, lembrou. “Se tivéssemos ouvido essas sugestões estaríamos agora vivendo numa enorme inflação e num clima de instabilidade gerado pela expectativa de um choque”. Recorrendo a Gabriel Garcia Marques, Malan disse que seria “a crônica do choque pré-anunciado”.

As duas apostas que Cardoso fez se provaram corretas, continuou o futuro ministro da Fazenda. A primeira é que “a sociedade brasileira está farta da inflação e pronta para apoiar uma proposta racional e confiável” contra ela. A segunda é que “o sucesso inicial na luta contra a inflação engendraria o apoio político para as reformas” indispensáveis para a consolidação da estabilidade. (Paulo Sotero da AE)